

# CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



Instituto nº 11



CEEE/Som do Sul  
Instituto nº 11



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



**Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann**  
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

**Coordenação Editorial: Mônica Kanitz**

**Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas**

**Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes**

**Transcrição de Partituras: Michel Dorfman**

**Revisão: Dione Detanico Buseti**

**Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga**

**Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico**

**Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto**

**Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga**

**Fotografias das Capas: Nilton Santolin**

**Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais**

**e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga**

**Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago**

**ALCANCE**

**Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.**

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre / RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Ilustr. digital: V. H. Tarzuga

## Geraldo Flach

**P**iano, no Rio Grande do Sul, é praticamente um sinônimo de Geraldo Flach. Em tempos de mercado competitivo e globalizado, Geraldo conseguiu atacar em várias frentes e manter uma saudável qualidade em todas. Como todo bom pianista, ele começou se dedicando à música erudita, mas logo partiu para outras possibilidades. Sua biografia tem de tudo: bailes, programas de rádio, jazz, bossa-nova, regionalismo e, principalmente, muita música popular brasileira. Ou seja, Geraldo é um instrumentista universal, destes que poderiam estar atuando em qualquer ponto do planeta para um bom público e desenvolvendo projetos diversos.

Mas Geraldo, para nossa alegria, preferiu ficar no Rio Grande do Sul. Talvez porque aqui ele encontre lastro para sua capacidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Se num dia Geraldo Flach divide o palco com o também pianista Ivan Lins, no dia seguinte o espetáculo pode ser junto com os gaiteiros Luiz Carlos Borges ou Renato Borghetti. Se ontem ele embarcou na interpretação inspirada de Nana Caymmi, hoje ele pode testar uma música mais descontraída ao lado do grupo argentino "Cuatro Vientos". E, daqui a alguns dias, o compromisso pode ser com uma orquestra sinfônica ou com um grupo de câmara. Isso sem contar nas suas atividades como arranjador, compositor e produtor, e também de autor de discos que lhe dão o merecido reconhecimento nacional e internacional. E, além de todas estas atividades, Geraldo ainda encontra tempo para dirigir uma produtora de jingles e, vejam só, ser engenheiro. Mas desta última ele desistiu há algum tempo, para a felicidade geral dos admiradores e do público ávido por boa música.

Esta página é uma colaboração de **Mônica Kanitz** - Jornalista



## Cronologia Biográfica: Geraldo Flach

**1945** - Nasce no dia 6 de agosto, no Hospital Moínhos de Vento, filho de Ana Margrit Koenig e Norberto Flach. Criado no bairro Partenon.

**1950** - Começa a estudar música erudita ao piano com professora particular. A mãe havia alugado um piano Schiedmayer de parede durante a gestação.

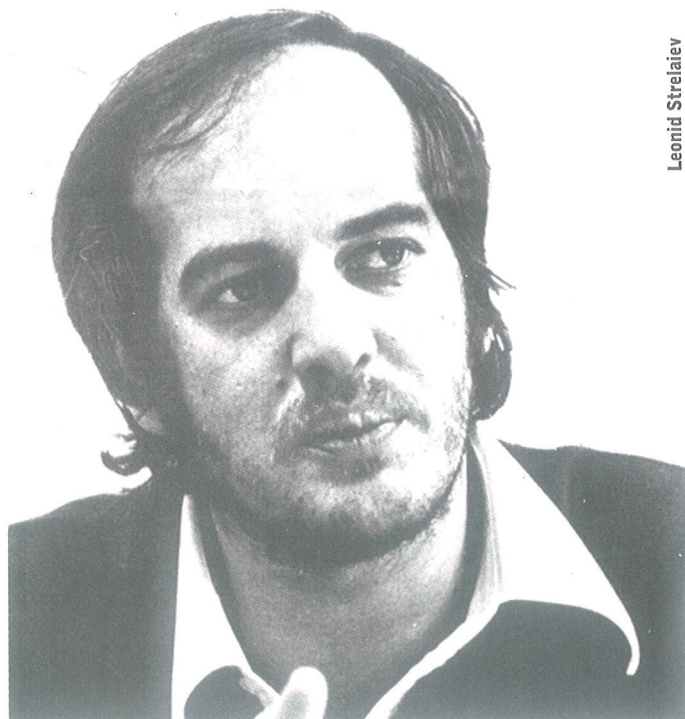
**1951** - Inicia o primário do Colégio Farroupilha.

**1955** - Tranfere-se para o Colégio Anchieta onde fica até concluir o ginásio. Já tocava Beethoven, Mozart e Chopin. Havia canto orfeônico no colégio e diversas atividades artísticas que Geraldo praticava ativamente.

**1959** - Começa a tocar em bailes com conjuntos semi-profissionais do bairro Partenon.

**1961** - Ingressa na Ordem dos Músicos do Brasil, avalizado por Norberto Baldauf. Toca com "Nestor e seu Conjunto" e depois com "Renato e seu Conjunto", onde permaneceria até 1967 (o técnico de som era Holmes Aquino, irmão de Hermes). Faz o programa semanal "O Piano em Destaque", produzido por Carlos Alberto de Carvalho na Rádio Difusora.

**1962** - Cursa contabilidade no Col. Protásio Alves.



Leonid Strelaiev



**1963** - Tem seu próprio programa de TV na Piratini aos sábados à tarde, onde executava piano acompanhado de baixo e bateria.

**1964** - Tranfere-se para o Colégio do Rosário onde conclui o curso científico. Ganha o prêmio de Melhor Solista no Festival de Jazz e Bossa-Nova organizado por Glênio Reis, em Tramandaí. Ali conhece Elis Regina.

**1966** - Ingressa na Faculdade de Engenharia Eletrônica da PUC.

**1967** - Deixa os bailes e passa a participar de festivais universitários como compositor, instrumentista e arranjador.

**1968** - Fica em quarto lugar no Festival Universitário da TV Tupi (SP), com a música *Um Novo Rumo*, em parceria com Arthur Verocai, interpretada por Elis Regina.

**1971** - Forma-se em engenharia. Deixa a música para trabalhar na CRT onde permaneceria onze anos.

**1976** - Funda a Plug Produções Fonográficas, especializada em *jingles*. Produz o disco *Música Popular do Rio Grande do Sul* para a Riocell, com participação de vários músicos importantes e resgatando importantes obras do cancionero popular.

**1977** - Licencia-se da CRT para assumir a direção artística da Gravadora ISAEC. Em sua gestão, foram lançados perto de 100 discos, a exemplo de *Paralelo 30*, *Coro dos Perdidos*, *Fernando Ribeiro* e *Jerônimo Jardim*.

**1978** - Vence a linha de Projeção Folclórica da Califórnia da Canção com *Sementes de Pedra*, parceria com Kenelmo Alves.

**1980** - Grava o primeiro disco individual, *Alma*,



independente. Vendeu uma tiragem antecipada de 10 mil discos para o Grupo Sulbrasileiro. O disco entraria em circuito comercial em 1981. Produz seu primeiro grande espetáculo, "Voz do Brasil", com 22 pessoas na produção e onze músicos no palco. Permanece em cartaz por sete semanas no Teatro Renascença e segue em turnê pelo interior.

**1981 a 1983** - Segue em temporada com o show do disco *Alma* e participa dos Festivais da Globo com parcerias com Luiz Coronel e Jerônimo Jardim.

**1984** - Apresenta espetáculo ao lado de Djalma Corrêa. Vence o Festival Grito de Alerta com a canção *Quintana*, em parceria com João Alberto Soares, interpretada por Nei Lisboa.

**1985** - Grava o disco instrumental *Momento Mágico*, pela RBS/Som Livre.

**1986** - Apresenta-se com Nana Caymmi no Theatro São Pedro; realiza temporadas com o percussionista Djalma Corrêa no Brasil e no exterior.



Henrique Mann

**1987** - Show "Coração Brasileiro", acompanhado de Ayres Potthof, Amauri Coppetti, Geraldo Schuller, Fernando do Ó e Toneco. Inicia gravações de um disco com Ivan Lins que permaneceria inacabado ("um dia sai", diriam à Zero Hora, em 1990).

**1989** - Show "Suíte Brasileira", com o mesmo grupo de 87 reforçado pelo baterista Bebeto Mohr.

Produz e grava com Ivan Lins o disco da cantora Lúcia Helena, pela Velas. Apresenta "Suíte Brasileira" no interior.

**1990** - Em julho, show com Ivan Lins no Teatro da OSPa. Em outubro, show "Suíte Brasileira nº 2", no Theatro São Pedro.

**1991** - Sai o LP *Piano*, pela RGE, gravado em Nova York. Produção de Ayres Potthoff com participação do violoncelista americano Erik Frieland. Realiza o show de reinauguração do Auditório Araújo Vianna. Recebe o Prêmio de Instrumentista da Década de 80.

**1992** - Em maio, estréia no Teatro Renascença o show "A Cereja e o Vermont", com a cantora Lúcia Helena. Em dezembro, lança o CD *Geraldo Flach & Luiz Carlos Borges*, pela Velas. Prêmio Açorianos de Melhor Arranjador.

**1993** - Em abril, turnê estadual com "Geraldo Flach Quarteto". Em Maio, show "Nana Caymmi & Geraldo Flach" no Theatro São Pedro.

Em julho, concerto com a Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro. No segundo semestre, realiza o show de abertura do Musicanto de Santa Rosa. Lança o disco *Tom Brasileiro* pela Velas, gravadora de Ivan Lins. Recebe o Prêmio Açorianos de Melhor Compositor e Melhor Disco.

**1994** - Começa o ano com apresentações no Projeto Ribeiro Yung Música ao Meio-Dia, no Theatro São Pedro. Em abril, show com seu "Quarteto", Ivan Lins e Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro. Ainda apresenta-se com Ivan Lins ao ar livre no Brique da Redenção.

Em maio, show para 10 mil pessoas na Usina do Gasômetro dentro do Diet Coke Jazz Brasil. Apresenta-se no Teatro da Ospa com o quarteto dentro do projeto Cantamérica.

**1995** - Prêmio Açorianos de Melhor Instrumentista. É o representante gaúcho no Free Jazz Festival, no Theatro São Pedro.

Lança o CD *Interiores* pela Velas. Deste disco participaram, entre instrumentistas e vocalistas, 39 músicos.



**1996** - Em maio, apresenta-se em Buenos Aires e Montevideo no projeto Cantamérica.

Em setembro, faz show com participação especial dos argentinos do grupo "Cuatro Vientos", no evento internacional Mercocidades, em Porto Alegre.

Apresenta-se novamente no Free Jazz Festival.

**1997** - Show "Piazzola y más acá" com Renato Borghetti e o argentino Guillermo Zarba no Teatro São Pedro e em Buenos Aires.

Apresenta-se novamente no Free Jazz Festival; realiza turnê com o "Quarteto" pelas capitais do nordeste brasileiro (João Pessoa, Aracaju, Recife, Fortaleza, Macaíó e Natal).

**1999** - Grava, com seu "Quarteto" em Buenos Aires, o disco *Attitude*, para a RGE/RBS.

Recebe o Prêmio Açorianos de Melhor Arranjador, realizando extensa temporada de shows.

**2000** - Turnê estadual com o "Quarteto". Nova turnê estadual, desta vez com Renato Borghetti.

Show de inauguração do Teatro Pôr-do-Sol, em Porto Alegre, com Renato Borghetti.

**2001** - Realiza, em agosto, temporada no "Mistura Fina" (RJ), com seu "Quarteto" e participações especiais de Leila Pinheiro e Ivan Lins.

#### **Outras realizações:**

Participa como produtor, arranjador e instrumentista de mais de uma centena de discos.

#### **Cinema (curtas):**

Barboza - Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo.

Ilha das Flores - Jorge Furtado.

Treiller - Otto Guerra.

Trilha Oficial do Festival de Cinema de Gramado.

#### **TV:**

Criança Esperança (Rede Globo).

Série 20 Gaúchos que Marcaram o Século (2000).

Quatorze episódios de "Mundo Grande do Sul".

#### **Dança:**

Ulisses (Valério Cézio).

Das Tripas Sentimento (homenagem à Elis - 2000), (direção musical).

#### **Publicidade:**

Mais de 200 prêmios entre regionais, nacionais e internacionais, sendo os mais importantes:

Festival Íbero-Americano de Propaganda.

Produtora do Ano no Brasil pela Associação Brasileira de Propaganda (1999).

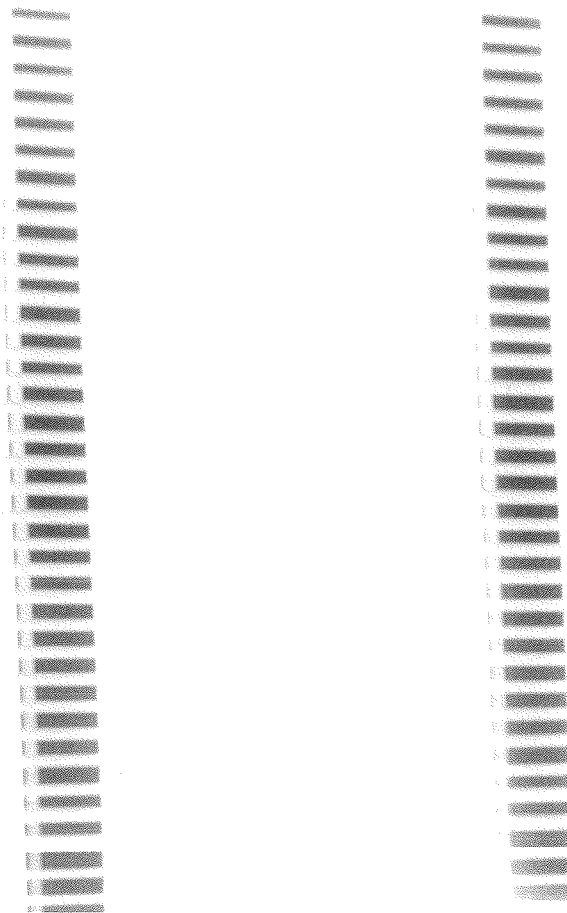
Produtora do Ano no Salão da Propaganda do RS/ARP (18 vezes).



Ricardo Arenhaldt, Ivan Lins, Geraldo Flach, Giovani Berti, e Ricardo Baungarten.



## Depoimentos



*" A música instrumental tem caminhos mais difíceis, não só no RS, mas em qualquer lugar do mundo, porque o público interessado é menor do que em música com voz. O que ela tem de positivo, em relação ao mercado, é que não depende de modismos, é atemporal. Mas não é só para a música instrumental que é difícil, a música boa de um modo geral tem dificuldades.*

*Estamos vivendo em um tempo em que há uma espécie de complô contra a estética. O mercado está impondo uma música com absoluta falta de conteúdo; a mídia incentiva coisas que abrem mão da qualidade, em função de um momento de ibope. Mas essas coisas duram pouco, e o que tem qualidade tem uma sobrevida muito maior."*

*" O RS tem algumas dificuldades no resto do Brasil, principalmente em música regional, em função da própria linguagem, que eles não entendem. É quase como outro idioma. Em música regional, estamos mais próximos dos países do Prata. Também o gaúcho é muito orgulhoso e tem dificuldade de disputar espaços e furar bloqueios, é uma coisa até de temperamento. Por outro lado, o Borghetti é conhecido em todos os lugares do Brasil e faz música regional instrumental; então não tem problema de não entenderem."*

*" Os Festivais do RS contribuíram bastante para a criação de um mercado regional, mas a proliferação excessiva de festivais fez com que caísse a qualidade das composições. Tem que surgir gente nova, novas maneiras de compor."*

*" A música em publicidade ajuda muito na formação de músicos que têm contato com tecnologias avançadas de gravação, além de criar um mercado de trabalho interessante. Ela pode ter potencial de venda, mas ter conteúdo artístico também. Hoje há trilhas de altíssima qualidade. Já a música para cinema está se profissionalizando mais agora, depois de um período difícil de desmantelamento do cinema nacional no governo Collor."*

*" Música é uma carreira difícil como qualquer outra, mas para quem tem talento, vale a pena. A coisa mais triste do mundo é alguém que tem musicalidade não descobrir isso ou reprimir dentro de si. Músico que não faz música fica sem o sopro fundamental de vida; eu não posso me imaginar sem fazer música. Eu gostei de ser engenheiro. Parei uns cinco ou seis anos para trabalhar como engenheiro, mas tive que voltar, estava faltando um pedaço de mim."*



Dulce Heifer

Fotos do arquivo pessoal de Geraldo Flach.

Geraldo Flach com Renato Borghetti.

*" Não se pode forçar nada. O processo de universalização da música acontece naturalmente. Eu faço uma música brasileira que tem marcas profundas da nossa cultura regional, dos nossos vizinhos do Prata. A minha forma de fazer música já é naturalmente universalizada. Às vezes, a gente vê músicos que fazem um trabalho absolutamente regional como o Borghetti, mas é um músico naturalmente universal. Ele pode fazer a música dele em qualquer lugar do mundo que as pessoas vão assimilar. Fiz um disco com o Luiz Carlos Borges, de gaita e teclado, que ganhou notoriedade no mundo inteiro."*

*" O ostracismo de grandes artistas e o descaso com a memória cultural do país, são coisas que me incomodam e me entristecem muito. O poder público tem que entrar decididamente nesta parte.*

*O poder público tem o dever de apoiar a produção cultural, mas não pode tutelar. A produção cultural não pode estar atrelada aos partidos políticos, nem ser veí-*

*culo ideológico. É um atraso, por exemplo, não haver música no currículo escolar. Estão simplificando demais o ensino, e isso não é bom para ninguém, nem para o mercado cultural que fica sem poder de julgamento, porque não é educado para isso."*

*" Quem dirige uma gravadora, tem que estar de olho no mercado. Não adianta satisfazer seu gosto pessoal, sofisticar, e o mercado não absorver o produto. Mas mesmo que a gente faça música mais simples, pensando em um público alvo, tem que fazer com qualidade. Não é porque é simples que não tem que ser bem feita, mesmo que tenha só dois acordes."*

*" Não tenho um processo sistemático de composição, sou muito intuitivo. Eventualmente faço um trabalho planejado, sob encomenda. De um modo geral, é sentar ao piano e já está saindo música, dois acordes e já surge alguma coisa."*





# Rancheirinha

Geraldo Flach

Handwritten musical score for "Rancheirinha" by Geraldo Flach. The score is written on five systems of staves. The first system starts with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 3/4 time signature. The melody is written on the upper staff, and the bass line with chords is on the lower staff. The second system continues the melody and bass line. The third system includes first and second endings, marked with "I" and "II" and a repeat sign. The fourth system also includes first and second endings, with a 3/4 time signature change and a "D.C." (Da Capo) instruction. The fifth system is mostly blank, with a large signature "Geraldo Flach" written across it.

Partitura escrita por Geraldo Flach.

# Abolerado Blues

Geraldo Flach e Jerônimo Jardim

Handwritten musical score for guitar, titled "Abolerado Blues". The score is written in G major, 12/8 time, and consists of 12 measures. It includes chord diagrams, fingering, and melodic lines.

**Measure 1:** Chords: G7m, E9. Melody: G4, A4, B4, C5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

**Measure 2:** Chords: A7, Bb7, C7, D7, Eb7, F7. Melody: C5, D5, E5, F5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

**Measure 3:** Chords: Bm7, Bm7/A. Melody: G4, A4, B4, C5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

**Measure 4:** Chords: Ab7m, E7. Melody: G4, A4, B4, C5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

**Measure 5:** Chords: C7, D7, Ab7, A7. Melody: G4, A4, B4, C5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

**Measure 6:** Chords: G7m, E9. Melody: G4, A4, B4, C5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

**Measure 7:** Chords: Bb7m, G7m. Melody: G4, A4, B4, C5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

**Measure 8:** Chords: C7, G9b, F9, Dm9. Melody: G4, A4, B4, C5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

**Measure 9:** Chords: F#7, A7, A7, C7, Ab7. Melody: G4, A4, B4, C5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

**Measure 10:** Chords: G7m, E9. Melody: G4, A4, B4, C5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

**Measure 11:** Chords: A7, Bb7, C7, D7. Melody: G4, A4, B4, C5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

**Measure 12:** Chords: Bm7, Bm7/A. Melody: G4, A4, B4, C5. Fingering: 1, 2, 3, 4.

The score includes various annotations such as "I", "II", and "III" indicating different sections or techniques. The final measure is marked with a double bar line and the signature "Geraldo Flach".

Arranjo escrito por Geraldo Flach.



## Bedeu



## O Rei do Suingue

O rei do suingue gaúcho, assim como outros grandes artistas, partiu cedo, quando recém o público gaúcho começava a se dar conta de sua importância. Ele criou uma obra inédita, autêntica, no início dos anos 60, misturando samba com rock (e suas derivações, como *funk*), fazendo surgir entre nós o "samba-rock", o "samba-funk, ou "swing", como ele gostava de chamar. Jorge Moacir da Silva, o Bedeu, que cresceu entre os bairros Partenon e Menino Deus, em Porto Alegre, começou saqueando os ossos no colo do avô. Aos seis anos, já desfilava com um pandeiro na mão e o apelido (dado pelo avô) de "Bedeu do Carnaval". Como todos, quando jovem, nos anos 60, foi influenciado pelos Beatles e pelas canções de sua versão brasileira, a Jovem Guarda, temperada pelos nordestinos e, principalmente, por Jackson do Pandeiro, que ouvia pelo rádio. Como adorava ritmos e percussão, desde garoto andava com um pandeiro à mão; começou a tocar bateria aos 14 e circulava no meio do samba pelos morros com naturalidade. Estes instrumentos acabaram sendo marcas registradas de seu ritmo. Mas Bedeu não deixou de estudar violão, para poder compor. E compôs muito. Foi gravado por grandes da MPB.

Bedeu começou sua trajetória musical como todo garoto da época, talvez com um pouco mais de dificuldades por seu físico franzino. Seu senso rítmico, porém, era fora do comum. Assim, percorreu grupos de baile como o "Bossa Sul", onde tocou bateria, e "Os Rockings", onde já se atrevia num rock suingado. Um rock que trazia misturado aos acordes do samba dos morros e das escolas que sempre gostou. Nos anos 70, Bedeu e outros amigos, entre eles Luis Vagner, Franco (ambos dos "Brasas") e outros, como integrantes do grupo "Pau Brasil" - foram tentar a sorte no centro do país. "Os Brasas", sabemos, tocaram e gravaram com muitos artistas populares, como Wanderlei Cardoso e Eduardo Araújo -, enquanto o "Pau Brasil", de Bedeu e amigos, deu-se razoavelmente bem. Gravou dois LPs e Bedeu deixou obras para serem gravadas por vários intérpretes, incluindo *Menina Carolina* e *Minha Preta*. Bedeu não levou ao Rio de Janeiro e São Paulo, junto com Luis Vagner, apenas um suingue gaúcho para inserir no samba e o rock nacionais, mas, principalmente, uma fusão inédita: samba com rock, algo acrescido também de uma levada "funkeada". O suingue, muitos reconhecem, também influenciou Jorge Ben, que naquele momento se projetava para o Brasil.

Bedeu registrou várias músicas, gravadas por Wilson Simonal, "Originais do Samba", Neguinho da Beija-Flor, Bebeto, Dhema e outros. Mas teve que voltar, não apenas porque o mercado era difícil para viver de música, mas também porque não se sentia bem de saúde. Bedeu sofreu com a diabetes, mais tarde enfrentou problemas de coluna. De volta a Porto Alegre no início dos anos 80, retomou sua trajetória pelas escolas de samba, compôs e conquistou vários campeonatos de samba enredo com a "Acadêmicos da Orgia" e lançou seu disco *África no Fundo de Quintal* (83). Nos anos 90, lançou seu primeiro CD *Illuminado* (93) e *Swing Popular Brasileiro* (1999). Nos últimos dias de sua vida, Bedeu continuou buscando a fusão, compondo com a MPB de Totonho Villeroy, o reggae da "Produto Nacional" e exaltando Borghettinho.

Os anos 90, com a força do *hip-hop* e o ressurgimento do samba, agora em forma de pagode, o samba-rock ou suingue dá voz à periferia e resgata muitos autores até então esquecidos, muitos desde os anos 70. Bedeu nunca parou, mas, de certa forma, sua obra também estancou em termos de mercado desde o início dos anos 80. A ginga nas letras e o ritmo do suingue ajudaram a difundir o orgulho negro no Brasil dos anos 70 e contribuíram para despertar uma nova consciência cultural, de raízes africanas mas com os olhos nos acontecimentos e ritmos mundiais.

Esta página é uma colaboração de **Gilmar Eitelwein** - jornalista



## Cronologia Biográfica: Jorge Moacir da Silva Bedeu

**1946** - Nasce a 4 de dezembro, em Porto Alegre, na rua Arlindo, entre a Ilhota e a Azenha (fundos do atual prédio de Zero Hora / Rádio Gaúcha), filho de Zilah da Silva.

Criado pela Tia Moza, o moleque, aos seis anos, já tocava o pandeiro dado pelo avô que o apelidou de "Bedeu do Carnaval" (provavelmente um trocadilho com "Zé Bedeu" e "Orfeu do Carnaval", do musical de Vinícius de Moraes, "Orfeu do Carnaval"). Iniciou os estudos regulares no primário do Dom João Becker; tinha boa mão para desenhos, mas aprendia mesmo era música. Autodidata, aos 12 anos era um bom baterista.

**1965** - Bom datilógrafo, trabalhava na Secretaria da Educação (RS); abandonou os estudos de 2º grau (na época Técnico Científico) para tocar bateria na noite. Fazia bares e bailes ao lado de bons parceiros como Luis Vagner e Franco, então integrantes de "Os Brasas", e trabalhava direto com "Os Rockings" até 69, já com um balanço bastante destacado. Aprendeu também violão com os companheiros. Queria harmonizar melodias e balanços que inventava. Não era exímio violonista, mas, mesmo assim, cheio de suingue.

**1970/1971** - Parte para São Paulo, onde já estavam os amigos de "Os Brasas", decidido a vãos mais al-



Bedeu, com Delma ao centro e Leleco.



Com Lu e Gilmar Eitelwein, da SMC/POA.

tos em música. Deixou uma promessa para Tia Moza de que ela teria orgulho dele. Passa vários meses tocando em boates e integrando o conjunto "Neno Exortação".

Ao final do ano, já grava um compacto com *O Céu é Tão Bonito* (com Delma) e *Élen* (com Leleco). O disco é de pouca repercussão, mas dali a uns dias, Franco (italiano criado em Porto Alegre, ex-integrante de "Os Brasas") estoura com *Menina Carolina* (Bedeu e Leleco Telles). O compacto vende 100 mil cópias e balança rádios de todo o país.

Na época, os gaúchos do conjunto "Os Brasas", somados a Bedeu e Leleco, defendiam, em São Paulo, nomes para um novo gênero: samba-rock ou suingue. Jorge Ben já gravara coisas nesta linha, mas, do Rio, dizia que era "sambalanço" e desconversava, só que freqüentava os shows de "Os Brasas" em São Paulo. Na verdade, tratava-se fundamentalmente de alterar a execução do samba, de compasso binário para o quaternário do rock, com harmonizações suingadas do *soul*, da bossa-nova e do samba moderno.

A canção *Menina Carolina* desponta como um grande sucesso neste segmento e começa formar escola. Jair Rodrigues grava *Toca Direito*, *Olegário* (de Bedeu) em seu disco *Com a Corda Toda*, pela Phillips.

Bedeu tocava em boate, onde se apresentava Jair Rodrigues. Empolgado, o cantor solicitou exclusividade sobre várias composições de Bedeu. Ao final do ano, vários artistas, como Moacir Franco e Antônio Marcos, demonstraram o mesmo interesse.

**1972** - Bedeu estava presente na cena musical do país e prosseguia trabalhando em São Paulo e Porto Alegre. Criava conjuntos, como "Samba Elétrico" e "Evolusamba". Surgem outros personagens importantes do samba rock. Logo, um compositor chamado Luis Vagner, estouraria com *Camisa 10*, atingindo o sucesso. Jorge Ben, desde 69, com *Charles Anjo 45*, avan-

çava apoiado pelo excelente "Trio Mocotó" e até nos festivais universitários (como o da TV Tupi, de 69) aparecia o novo gênero, causando polêmica.

Um fato curioso ocorreu quando, em um programa de rádio de SP que reproduzia um festival, com júri dando nota e etc., um dos jurados deu zero para a música *O Céu é Tão Bonito*, de Delma e Bedeu. Luis Vagner ouvia o programa e ficou chateado com o caso. Acabou compondo *Zero pro Bedeu*, canção que virou clássico do gênero e é especialmente considerada pelos músicos de Porto Alegre.

**1974** - Os "Originais do Samba" gravam *Brasil Caboclo*, de Bedeu e Antônio Carlos. Bedeu, além de ter composições gravadas por vários músicos, atuava como percussionista e baterista. Ao longo da carreira, participaria de trabalhos de Cesar Camargo Mariano, Nelson Aires e Dudu França entre outros.

**1975** - Bedeu vivia por temporadas, ora em Porto Alegre, ora em São Paulo. Em uma das longas vindas à terra natal, forma com companheiros de longa data o "Pau Brasil". O time incluía Alexandre, grande músico e compositor, seu parceiro Leleco Telles e Cy, Leco e Nego Luís. Bedeu, Leleco e Alexandre já eram bastante conhecidos em POA. Só em parcerias entre os três já formavam um repertório de mais de cinquenta músicas, gravadas por vários intérpretes. Tinham também fortes ligações com o carnaval da cidade e, naquele ano, compõem o

samba enredo da escola "Acadêmicos da Orgia".

**1978** - Primeiro disco do "Pau Brasil" *O Samba e Suas Origens*, pela Beverly/Copacabana.



**1979** - Segundo disco do "Pau Brasil", homônimo pela Continental.

**1981** - O cantor Bebeto grava *Menina Carolina* em seu LP homônimo, pela Copacabana. Era um músico de sucesso, e este foi um dos seus discos mais bem sucedidos. Começou em 75 e nas três dezenas de discos de sua carreira, há treze canções de Bedeu. Com *Menina Carolina*, ganhou muitos espaços nas rádios. Bedeu dizia que seu próprio compacto de 1970 não havia rendido tanto quanto a gravação no disco de Bebeto.

Bedeu deixa o "Pau Brasil" e segue carreira solo. Apresenta-se nos tradicionais bailes cariocas de Mesquita, Madureira e Niterói entre outros.

**1983** - Bebeto emplaca outro sucesso: *Cheiro de Rosa*, de Bedeu e Alexandre. Em São Paulo, várias músicas suas são gravadas por outros intérpretes.

Bedeu lança o seu primeiro LP solo *A África no Fundo do Quintal*, pela Copacabana. A crítica especializada elogia muito o disco, mas as matérias diziam invariavelmente que ele era seguidor de uma linha criada por Jorge Ben (para sua inconformidade que sempre teve sua própria linguagem); hoje ninguém contesta a sua importância. Na verdade, aquelas afirmações partiam de



Bedeu com Plauto Cruz, no show de Henrique Mann, do qual ambos participaram, em 1998.



Nego Luís, Leleco Telles, Bedeu, Cy, Alexandre e Leco (detalhe de capa do LP "O Samba e Suas Origens").

jornalistas desinformados, pois o próprio Jorge Ben já havia sacramentado a coisa toda ao compor, em 1981, *Luis Vagner Guitarreiro*, em homenagem ao compositor gaúcho.

Bedeu retrucaria um dia, afirmando ser ele o criador do suingue em 1967. "*O Jorge Ben não tinha aquela pegada na época; o meu estilo era mais suingado*", afirmou à revista *Show Bizz*, em agosto de 1999.

**1988** - A Continental lança a coletânea *Samba Rock em 2 Tempos*, incluindo *Tribo Guerreira* e *Kid Brilhantina*, além de *Zero pro Bedeu*, de Luis Vagner.

Bedeu era um boêmio inveterado e já havia estabelecido ligações históricas com o carnaval porto-alegrense. Foi jurado de desfiles, compositor de exaltação e enredo, diretor de harmonia e fundador de escolas de samba. Foi, por exemplo, diretor de harmonia da "Imperadores do Samba", incentivou o crescimento da "Garotos da Orgia", dedicou-se à fundação e desenvolvimento da "Academia de Samba Integração do Areal da Baronesa", onde integrou a diretoria e vários departamentos, também

na "Acadêmicos da Orgia".

Foi produtor de discos e só em Porto Alegre produziu gravações de Carlos Medina, Paulão da Tinga, Nanci Araújo, Mano Dêlcio e vários sambas enredo de escolas de samba.

Começa a enfrentar problemas de saúde. Faz uma cirurgia na coluna, mas o que mais o perturba é o diabetes. Recolhe-se por alguns anos na capital gaúcha; a família acompanha seu tratamento médico.

**1993** - Saúde temporariamente restabelecida, reaparece para lançar seu segundo disco, o CD *Iluminado*, pelo Selo GK. Gravado no estúdio Comep, São Paulo, o disco resgata algumas relíquias do estilo como *Sossega Leão* (parceria com Delma) e *Tribo Guerreira* (com Alexandre), além de inéditas como *Saudades de Jackson do Pandeiro* (com Luis Vagner) e *Kid Brilhantina* (com Alexandre).

Com seu retorno, começa a reconquistar, aos poucos, o espaço que conquistara no centro do país. Logo participa dos discos *Remix do Samba vol. I e II*, pro-

duzidos pelo SBT. Ambos têm como destaque músicas interpretadas por Bedeu, em um dos raros projetos em que atuou só como intérprete. A Warner lança outra coletânea, intitulada *Nos Bailes da Vida* com *Nega Olívia*, *Minha Preta* e *Menina Carolina* (em pot-pourri).

**1998** - Definitivamente instalado em Porto Alegre, ainda com problemas de saúde, não podia viajar a SP ou Rio. Isso o angustiava. Apesar do carinho com que era tratado no RS, achava que não havia mercado musical no estado. Lança, apoiado pelo Projeto Memória (Secretaria Municipal de Cultura/POA), o CD *Swing Popular Brasileiro*. O CD, entre regravações e composições inéditas, revela a importância do compositor para a MPB. Em várias entrevistas, manifestava o descontentamento com os rumos da música brasileira, condenando o comercialismo, mas destacava que muitas de suas idéias estavam sendo reutilizadas por novos grupos de pagode como "Katinguelê" e "Negritude Jr." que adaptou o refrão de *Grana Verde* (de Bedeu no tempo do Pau Brasil) para o seu sucesso *Tanajura*.

Henrique Mann grava *Tá na hora*, no CD *Porto Alegre Boêmia - vol. II*. Bedeu compõe várias canções com vistas a um novo disco e algumas a pedido de



Capa do CD póstumo, lançado em 2001.

intérpretes e grupos, como a "Hard Working Band".

**1999** - É homenageado, em março, com o Prêmio Açorianos Especial pelo Conjunto da Obra.

É internado no dia 18 de julho no Hospital Vila Nova. Seu estado irregular inspira preocupação, e o meio musical porto-alegrense mobiliza-se em um show no Auditório Araújo Vianna para arrecadar fundos para seu tratamento. Não dá tempo.

Falece em 5 de agosto acometido de meningite, agravada por infecção pulmonar e anemia. Além dos filhos Carolina, Janaína, Ayuri, Gerusa, Tiago, Juliana e Cassiano, deixou uma obra alegre e vibrante como sua personalidade.

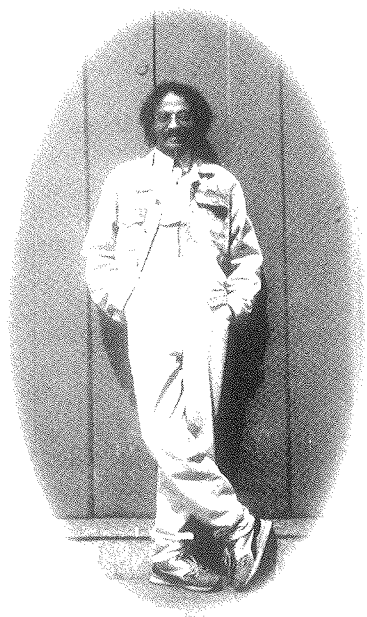
**2001** - O cantor Waguinho canta *Kid Brilhantina* (Alexandre e Bedeu) em vários programas de TV; a música puxa o seu disco.

Lançado, com produção de Alexandre e apoio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, o disco *Tributo ao Bedeu*, com vários nomes da música local, como Gelson Oliveira, Nanci Araújo, Wilson Nei, "Produto Nacional", Xandele e Lúcia Helena, interpretando a sua obra.

## Depoimentos

" Cresci ouvindo rádio e sempre fui autodidata. Ouvia de Jackson do Pandeiro aos "Beatles". Hoje em dia, não dá mais para se inspirar; ouvindo música das rádios. As pessoas não têm referência poética, ouvindo

B e d e u



I l u m i n a d o



Detalhe de encarte do LP "A África no Fundo do Quintal", Bedeu e Banda.

coisas como 'É o Tchan'. A música brasileira está na UTI."

" Eu já nasci rítmico. Tocava violão espontaneamente. É o que acontece com meu filho Cassiano, que tem quatro anos e já é um artista."

" É muito difícil estar longe do Rio e São Paulo, onde tudo acontece, mas o pior é que, aqui no estado, os caras se fecham em bloquinhos e nada acontece. Temos muita cultura, mas nos falta união."

" Gosto do som, mas não aprecio o discurso dos "Racionais". Tenho ojeriza a movimentos negros, porque pregam contra brancos e são hipócritas."

" A mídia já instituiu a discoteca, a sertaneja, a lambada e agora esse pagode. Eles dizem que é pagode, mas não é. Tem coisas boas, mas alguns estão extrapolando, como o 'É o Tchan'. Eles fazem música com letrinhas para agradar crianças. Não acho que essa seja a música popular brasileira. Acho justo que eles tenham

lá o momento deles, mas essa massificação da mídia é uma lavagem cerebral."

" O carnaval gaúcho é melhor que o carioca, que é muito diferente do que a TV nos mostra. O verdadeiro samba sulista é mais rápido e tem uma cadência mais definida. Pena que o nosso samba esteja perdendo a identidade. A garotada está ouvindo muito samba-enredo do Rio e não está sabendo usar o repinique."

" Gosto muito de me inspirar, não gosto de transpirar. Já fiz muito samba enredo, mas não quero fazer mais, porque tem que ler a história, pensar em vários aspectos. A música, eu tenho facilidade de fazer, é um momento mágico, místico. Fico feliz por ter essa aura de poder escrever. O compositor é um cronista da vida."

(Jornal Oi! -jan/1999).

**Do cantor Bebeto sobre samba-rock:** "O Luis Vagner, Bedeu e eu criamos essa gíria para definir nosso som balanceado. Nós inventamos essa palhetada na guitarra." (Zero Hora -25/02/1999).





# Menina Carolina

Bedeu e Leleco Telles

1 EU EN CON TREI A CA RO LI NA A

3 QUE LA ME NI NA LIN DA QUE ME FEZ SO NI HAR NA QUE LA TAR DE DE DO MIN

6 GO QUAN DO ME FER DI NA COR DO SEU O

8 L HAR FER DI DO DE A MOR PUR CA

10 RO LI NA SO ZI NHO PE LAS NOI TES EU VA QUEI

13 SO DE POIS DE TAN TO TEM PO

15 NI NA CA RO LI NA EU TEEN CON TREI AH AH AH AH FE LIZ DA VI DAA GO RA VOU CAN TAR

19 AH AH AH AH EU QUE ROA MA NHE CER NA COR DO SEU O L HAR AH AH AH

22 AH E CO MO VAI SER LIN DO A GEN TE SE A MAR EU

25 QUE ROEU QUE ROEU QUE ROEU QUE ROEU QUE ROEU QUE ROEU CA RO LI NA

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



# Tá na Hora

Bedeu

1 *A7+*  
TÁ NA HO RA MEU A MI GOAN TES QUE CE ES QUE ÇA

2 *D7*  
DE MAN DAR PRA TO DO MUN DOO QUE CE TEM NES SA ÇA

3 *A7+*  
DE CA TA NA HO RA MEU A MI GOAN TES QUE CE ES QUE ÇA

4 *D7*  
DE MAN DAR PRA TO DO MUN DOO QUE CE TEM NES SA ÇA BE ÇA

6 *A7+* *Bm7* *C#m7* *F#7*  
TA NA HO RA DE DI ZER A VER DA DE EA BRIR SEU PEI

8 *Bm7* *E7*  
TOE CAN TAR BEM AL TO PRA TO DAA CI

9 *A7+*  
DA DEOU VIR

10 *A7+* *Bm7* *C#m7* *F#7*  
NA CA BE ÇA TEMUM CIA PEU EM CI MA DAS

12 *Bm7* *E7* *A7+*  
A BAS TEM UM CEU QUEE TÃO BO NI TO...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



## Índice

## Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	.....	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	.....	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	.....	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	.....	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	.....	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	.....	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	.....	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	.....	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	.....	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	.....	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedu	.....	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	.....	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	.....	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	.....	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	.....	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	.....	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	.....	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	.....	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	.....	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	.....	- Parede de Taipá
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	.....	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	.....	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	.....	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	.....	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	.....	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	.....	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	.....	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	.....	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	.....	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	.....	- Gaita

\* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

\*\* Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

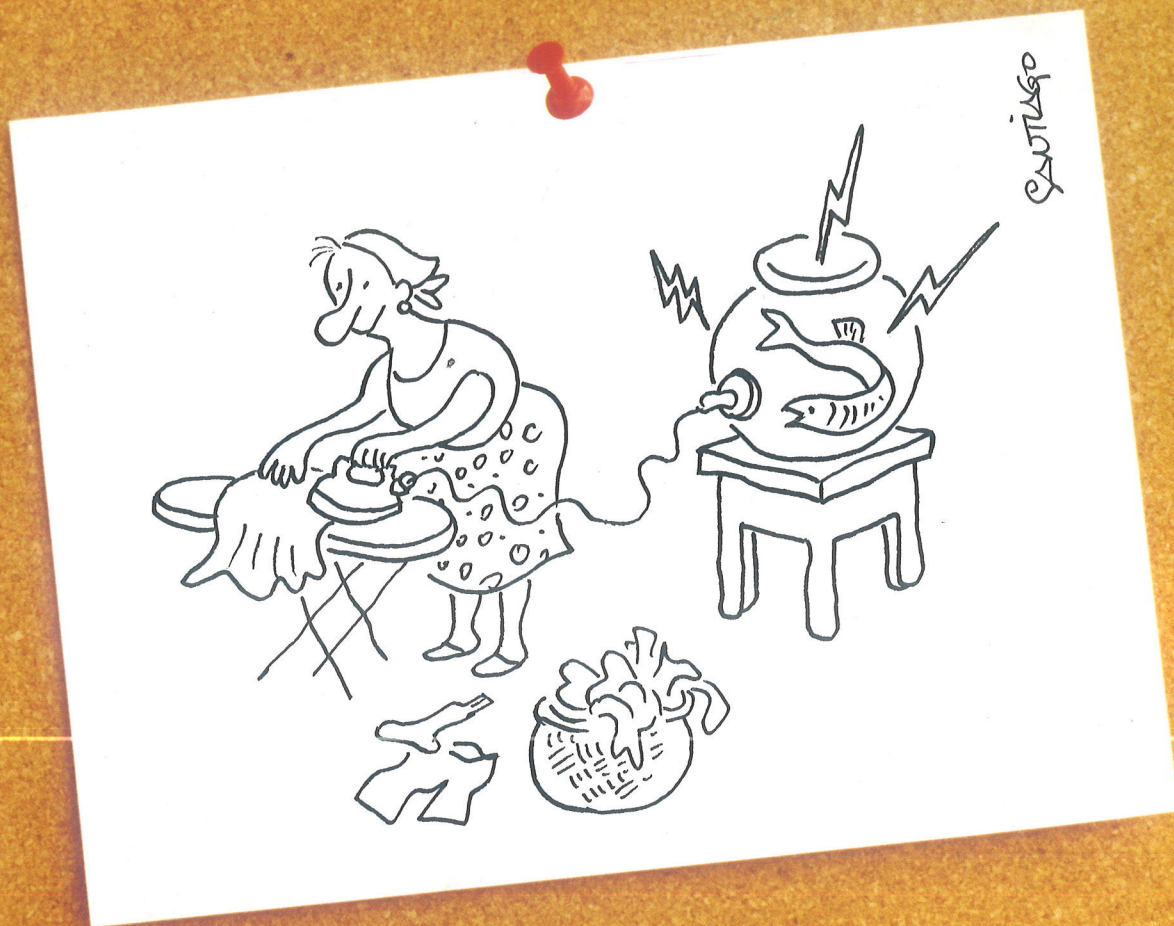
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou poprock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

\*\*\* O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



## Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

**LIC**  
Lei de  
Incentivo  
à Cultura  
Estado do Rio Grande do Sul



[www.ceee.com.br](http://www.ceee.com.br)



**GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Estado da Participação Popular  
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações  
Secretaria de Estado da Cultura